

# A arquitetura da Casa Barão de Melgaço

Moacyr Freitas<sup>1</sup>

Demonstra-se neste trabalho, de maneira sucinta, a idade aproximada da construção da Casa Barão de Melgaço e o processo construtivo usado para edificá-la, tendo em vista sua contemporaneidade e ainda o nível cultural de seu primeiro proprietário.

Desde os tempos remotos, vem o homem em busca de um abrigo, deixando de vagar, fugindo das condições adversas do clima, da fúria das feras, dos insetos e de tudo o mais que o incomoda, na submissão à Natureza, a que é sujeito o ser vivente.

---

1. FREITAS, Moacyr – Arquiteto, professor fundador da Universidade Federal de Mato Grosso. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso.

A primitiva habitação do homem, desde as cavernas, as palafitas, que ele mesmo construía, até outras mais aperfeiçoadas (de conformidade com seu conhecimento) foi adquirindo forma própria da estabilidade, onde se fundamentava a razão de sua própria vida, a família.

Nesse espaço, havia mais do que um conjunto de materiais dando possibilidades à vida, livre daquele nomadismo do passado.

Outros fatores determinaram obrigações, em benefício da implantação de normas de procedimento que gerariam o lar. E o homem fixou nesse espaço sua própria felicidade.

Não é sem razão que habitação revela o estado da alma, conjugando-se ciência e arte que vão marcar as diversas manifestações do espírito de uma época.

O homem se esmera para enriquecer o seu lugar, à medida que a técnica avança, permitindo aos moradores um sentimento de grandeza, uma satisfação do espírito ávido de compensações. É ali também o refúgio das suas dúvidas, o retiro das suas decepções. Para onde traz da rua suas desilusões para retemperar seu espírito junto à família, pronta a minorar seus fracassos.

Nossa casa "BARÃO DE MELGAÇO" foi também um lar, como muitas outras do nosso país, desde os primeiros tempos. Sua construção obedeceu ao processo construtivo dos primeiros tempos da fundação de Cuiabá. Nossos primeiros visitantes informaram-nos o que viram naquele tempo. Podemos citar Gervásio Leite Rebelo, secretário do Governador da Capitania Rodrigo César de Menezes, que veio a Cuiabá em 1726 por ocasião da elevação do arraial à Vila Real do Bom Jesus, em 1727. Ele disse que: *...terá todo o arraial cento e quarenta e oito fogos, alguns cobertos de telhas, os mais de palha e capim.*<sup>2</sup> Nessa mesma época, o Capitão João Cabral Camelo escreveu na sua obra "Notícias Práticas das Minas do Cuiabá": *A vila está situada da mesma parte direita e lançada por um córrego acima entre morros: tem só oito ou nove casas de telha, entre as quais é a melhor a que foi do General Rodrigo César: as mais são ainda de capim...*<sup>3</sup>

2. MOURA, Carlos Francisco - Arraial do Cuyabá, Vila Real do Senhor Bom Jesus (1719-1727) Revista Cultural do Centro de Estudos do Real Gabinete Português de Leitura. Convergência Lusíada - Ano III, nº6 Rio de Janeiro - 1979, p. 86.

3. Ibidem, p. 91

A casa "BARÃO DE MELGAÇO", situada na antiga Rua do Campo do Ourique, não escapou àqueles meios que os construtores tinham para edificar as habitações dos tempos coloniais.

Porém, ela não foi mais uma casa de sapé, da poética nacional romântica, tipo de construção que pode ser atribuído tanto ao índio como ao negro, perdendo-se na tradição nacional; construções que atenderam aos primeiros povoadores do território mato-grossense; está entre aquelas de estágio mais adiantado. O material que fora usado, como a madeira e o barro, não recebeu o mesmo tratamento que tivera no rancho: madeira "in natura," apenas desbastada a machado ou enxó, em grossos troncos nos elementos estruturais ou em varas finas nos trançados amarrados com cipó; o barro, usado nos interstícios das treliças de pau-a-pique ou socado no chão, sobre o qual havia o convívio da família.

Não, a casa "BARÃO DE MELGAÇO" foi tratada com maior requinte que o tempo já oferecia. Sua cobertura não mais de gramíneas ou folhas de coqueiro e suas paredes já recebem alisamento de revestimentos de cal e areia. As repetidas caiações que tivera ofereceram a ela a limpeza que a tradição portuguesa recomendava. Os pisos receberam os elementos cerâmicos, ainda sobre o barro socado, e a cobertura de telha proporcionara a desejada ventilação. As paredes grossas e resistentes foram feitas somente de barro, socado a pilão, ou com os pés, entre formas de madeira, misturado com esterco de curral, fibras ou cascalho miúdo, a taipa de pilão, que tivera grande aceitação entre os paulistas, nossos primeiros povoadores. Também do barro moldaram os adobes que construam as paredes mais finas.

Geralmente, nas construções que iam recebendo cobertura de telhas, sempre que era necessária uma ampliação, estendia-se a cobertura sobre o puxado, provocando redução da altura. São os telhados que se abrem protetoramente como asas de galinha sobre seus pintos, como já dissera o arquiteto famoso Lúcio Costa.

Nossa casa "BARÃO DE MELGAÇO" não se enquadra nessa circunstância, pois ela foi construída num tempo em que se buscava a solução para a família grande pelo poder econômico do proprietário, ou seja, nos moldes das casas senhoriais. Fora usado o pé direito alto de 4,00 metros. Na fachada, armaram-se beirais de grande balanço sobre consoles ("cachorros" de madeira) e suas janelas foram de rótulas.

Em 1827, Hércules Florence, segundo desenhista da Expedição Langsdorff, que aqui esteve, mencionava, em seu relato de viagem, que havia em Cuiabá uma única casa com janelas envidraçadas. Era o Palácio

do Governo (anterior ao antigo Palácio Alencastro), as restantes obedeceram ao estilo colonial, com beirais avançados e rótulas. As rótulas eram as folhas treliçadas que giravam em torno de um eixo horizontal ou vertical e se projetavam para fora. Devia ser assim também a nossa casa "BARÃO DE MELGAÇO".

A casa, posta ao longo da rua, dominava na esquina baixa o seu amplo quintal. Seus cômodos diferenciam-se, atendendo à especialização de funções. Aparece o saguão de entrada, o quarto de hóspedes, a grande varanda, a sala de refeições. As varandas traseiras de serviço e os grandes armários dos suprimentos das cozinhas configurariam as despensas. As portas e janelas, primitivamente, tiveram suas folhas feitas com frisos e travessas girando dentro de grossas molduras de madeiras lavradas e pesadas que ainda hoje existem. Posta tangenciando às ruas, a casa não podia prescindir do pátio interno. Pátio de tradição universal de arquitetura traduzido no "impluvium" romano, ou na realização mourisca que mais próximo nos influenciara mais profundamente. Na nossa casa, ele é configurado na planta em U, antes em L, ventilando cômodos do interior da casa, amenizando nosso calor tropical e proporcionando espaço aberto, mas privativo, necessário ao recreio das donzelas e crianças em receso adequado com a discrição e o ciúme da época.

Hoje, a casa "BARÃO DE MELGAÇO" não mostra as partes complementares que lhe davam a funcionalidade de uma residência senhorial. Obviamente, desnecessária seria uma justificativa, dado seu novo uso, restando-nos apenas observar as partes que não foram sacrificadas e imaginá-las no passado, nos idos do final do século XVIII ou início do XIX, utilizadas pelos familiares.

Quando a "CASA BARÃO DE MELGAÇO" foi construída, Cuiabá ainda dispersa, sabemos pela história, rodeava em torno da igreja matriz, do palácio do governo e espichava-se ao longo dos caminhos naturais transformados em ruas. Eram caminhos de saída e chegada a lugares quase obrigatórios; uns longos, outros curtos, diretos e bifurcados; multiplicavam-se em paralelas interligadas de becos e travessas.

O centro cívico, enobrecido pela Casa da Câmara e Cadeia, polarizada pelo Pelourinho, mostrava a aparência dos tempos coloniais.

O historiador, professor Acadêmico Francisco Alexandre Ferreira Mendes, em seu livro "Lendas e Tradições Cuiabanas", nos informa que:

A rua do Campo nasceu, presumivelmente, com o desenvolver do bairro da Mandioca, o mais povoado nos tempos coloniais e onde, segundo conjecturava Estevão de Mendonça, surgiram as primeiras edificações que aos poucos se distenderam na direção sul até alcançarem a praça do Campo d'Ourique. O traçado irregular seguindo curvas, sem observância de um critério estético, a partir do bairro citado, tudo indica a sua origem ali no antigo Canto do Sebo, tortuosa como são construídas as ruas dos povoados garimpeiros que conhecemos.<sup>4</sup>

Diante desta observação, podemos incluir a construção da casa "BARÃO DE MELGAÇO" entre as casas existentes em 1825, quando fora feito um recenseamento na cidade. Apenas três anos distanciavam do período colonial, e lá estavam as ruas que rodeavam o núcleo administrativo da Província: Rua do Meio (Rua Ricardo Franco) com 92 edificações, Rua de Baixo, (Rua Galdino Pimentel) com 63, a do Campo, (Barão de Melgaço) com 54, a da Esperança (Antonio João) com 49, a da Matriz, (Antonio Maria) com 43 e a Formosa (Joaquim Murтинho) com 39; Rua de Cima (Pedro Celestino), com 37, a Bela (13 de Junho), não passava de 28 e a da Fé (Comandante Costa), não excedia de 24. O Baú, Araés, Lixeira, agrupavam 60 casas.

Vimos a nossa Rua do Campo, com 54 casas, hoje, Rua Barão de Melgaço, onde está localizada nossa casa em questão. Quanta honraria para o ilustre bretão Cuiabanizado "Augusto Leverger", que morou na casa e onde veio a falecer!

O destino reservou a esse imóvel grande evidência.

Como dissera ainda o professor e Acadêmico Ferreira Mendes:

... nesse monumento histórico e cultural, a Casa Barão de Melgaço, em cujo recinto engrinaldado, tal um "Panteão" das glórias passadas refulgem as efígies dos varões ilustres, que elevaram Mato Grosso pela dignidade e pelo saber, legando aos que surgem na seqüência ininterrupta da vida, exemplos de fé e de crença nos superiores destinos do abençoado torrão cuiabano.<sup>5</sup>

4. MENDES, Francisco Alexandre Ferreira—Lendas e Tradições Cuiabanas. p. 72

5. *Ibidem*, p. 74

A propósito, recentemente reconhecemos nossa rua nos seus primórdios, num livro sobre o Brasil com informações de Portugal. Ilustrado fartamente com desenhos e plantas coloridas, lá estava entre outras, a planta da nossa Vila Real no ano de 1777. Aparecia nela a projeção do prédio que hoje é nossa Casa Barão de Melgaço. Havia apenas seis casas e por isso era denominada de Rua Nova. Fazia esquina com a Travessa do Roriz, por onde descia um regato (Mapa 1). É interessante observar que em outra planta de dois anos antes (1775) a rua ainda não existia (Mapa 2). Conclui-se, assim, aproximadamente, a época de sua construção.

Como as demais ruas da cidade provincial, também esta se distinguia por grandes áreas, quase todas muradas com paredões de terra socada, lembrança da escravidão africana que os construiu. Essas taipas encerravam magníficos pomares cujos vestígios existem, mesmo nas áreas centrais da cidade de hoje.

A arquitetura usada em Cuiabá ainda no século XVIII demonstrava uma incerteza proveniente de influências que, de alguma forma, recebia da Europa. A simplicidade dessas antigas construções fora recebendo modificações que vinham descaracterizar o seu estilo colonial.

Um fato havia chamado atenção da humanidade no século XVIII. Aconteceu no campo da arte e principalmente da arquitetura. Foram as descobertas nas escavações das antigas cidades romanas de Herculano, em 1738 e de Pompéia, dez anos depois. Também em Cuiabá chegara esse entusiasmo pelas coisas do passado longínquo. A arquitetura transferia para as fachadas dos prédios os requintes das ordens de Vignolle, mostrando-os nas pilastras, colunas, capitéis, arquivoltas, cornijas... A aparência clássica era o que importava, era a novidade para as construções.

No início do século XIX, chegavam da Europa alguns mestres-de-obra com idéias renascentistas, que provocavam aquela incerteza. Algumas edificações, timidamente, procuravam esconder seus beirais avançados e suas cimalthas antigas.

Isso foi tomando vulto após o término da Guerra da Tríplice Aliança, quando, novamente, fora dado livre trânsito comercial pelo rio Paraguai; quando dos grandes centros, como Buenos Ayres, Montevideu, Rio de Janeiro, nossa antiga capital federal e outras cidades litorâneas puderam chegar os mestres-de-obra estrangeiros com conhecimento maior daquilo que se fazia na arquitetura européia daquele tempo. Muitos deles eram italianos emigrantes, mas também havia gregos, espanhóis, franceses... Conheciam bem a arquitetura que se buscava naquele tempo. Talvez al-

guns tivessem influência da Missão francesa que veio ao Brasil por solicitação de D. João VI, mas acredito que muitos vieram sem passar pelo Rio de Janeiro, onde essa Missão chegara para produzir seus frutos.

Muitos prédios antigos em estilo colonial, nesse tempo, foram remodelados, ganhando aparência clássica. Fugiam completamente do estilo colonial, adotando o estilo novo, que engrandecia os seus proprietários, o estilo neoclássico.

Também aconteceu com nossa casa "BARÃO DE MELGAÇO", cujo proprietário, influenciado pelo "modismo europeu", transformou-a na aparência que hoje a temos. Foram retirados os beirais, trocados pela pratibanda. Várias pilastras com caneluras foram distribuídas nas fachadas, destacando as portas e janelas por molduras, frisos e outros desenhos geométricos. Porém, o que nos parece estranho, não obedeceu a nenhuma ordem do classicismo greco-romano. Não admite a vidraça, apenas a veneziana abundante nas suas janelas, que substituíram as treliças. No seu interior, ainda ficaram nas janelas e portas suas folhas de frisos e travessas e as paredes grossas dos tempos coloniais com as fortes tábuas das vergas, sustentando as paredes acima dos portais.

Não podemos apreciar outros detalhes daquele tempo porque foram demolidos, como a cobertura e outras dependências de serviço. Nem o sistema de abastecimento d'água que seria por poço ou algibe, como também seu esgotamento sanitário. Havia um amplo quintal fechado de muro de taipa em passado recente, cujo espaço foi tomado de construções estranhas, subtraindo a grandeza principal de uma casa senhorial.

Observamos que sua área do primeiro quintal fora aterrado, chegando a terra junto da casa, quase a engoli-la. Ela está como que enterrada, sofrendo a invasão das águas pluviais que vêm do fundo, longe de lembrar o vaivém da criadagem do passado.

Provavelmente, na ala esquerda do U, ficava a copa-cozinha e outras dependências de serviços, cujo acesso era feito pelo portão da rua principal. Por essa entrada passavam os serviços do seu amplo quintal arborizado, onde, além do pomar, eram comuns as criações para uso doméstico. Ainda hoje, alguns desses amplos quintais na vizinhança mostram o que teriam sido no passado.